



SEÇÃO: DOSSIÊ CONTRADISCURSOS DE RESISTÊNCIA

“É necessário preservar o avesso”: apontamentos dialógicos sobre a resistência à censura do romance de Jeferson Tenório

It Is Necessary to Preserve the Reverse”: Dialogical Notes on the Resistance to Censorship of Jeferson Tenório’s Novel

“Es necesario preservar lo de adentro hacia afuera”: notas dialógicas sobre la resistencia a la censura de la novela de Jeferson Tenório

Cristiano Sandim

Paschoal¹

orcid.org/0000-0002-1638-4120
cristiano.paschoal@edu.pucrs.br

Eduardo Moll¹

orcid.org/0000-0002-0635-9845
eduardo.silva98@edu.pucrs.br

Glória Di Fanti¹

orcid.org/0000-0002-5399-5377
gloria.difanti@pucrs.br

Recebido: 15 ago. 2024.

Aceito: 14 out. 2024.

Publicado: xx xxx. xxxx.

Resumo: Atualmente, com o advento da ascensão da extrema direita, percebe-se o recrudescimento de valores axiológicos (neo)fascistas, dentre os quais se avulta o anti-intelectualismo. Pulverizando o horizonte ideológico brasileiro, em 2024, insurgem tentativas de censura à obra literária *O avesso da pele*, de autoria de Jeferson Tenório. Sob esse panorama, o presente artigo tem por objetivo analisar o modo pelo qual os contradiscursos de resistência, em ambiente digital, respondem às tentativas de censura da obra em voga, formando um centro de valor avesso a gestos discursivos biblioclastas. Para tanto, partimos dos pressupostos bakhtinianos e, tendo em vista as particularidades do objeto de investigação, estabelecemos diálogo com reflexões advindas de abordagens sociofilosóficas e de estudos sobre o discurso digital. Em termos metodológicos, pautamo-nos nas diretrizes dialético-dialógicas formuladas por Volóchinov para analisarmos um vídeo do Ministério da Cultura postado nas redes sociais do atual governo federal em 21 de março de 2024, Dia Internacional da Luta pela Eliminação da Discriminação Racial. Com o estudo, propomos pensar os sentidos de resistência pela reacentuação da palavra alheia pelas vias do destronamento do discurso discriminatório e pela dialogização da linguagem social ofensiva.

Palavras-chave: anti-intelectualismo; censura; contradiscurso de resistência; relações dialógicas; signo ideológico.

Abstract: Currently, with the rise of the far right, there is a noticeable resurgence of (neo)fascist axiological values, among which anti-intellectualism stands out. In 2024, attempts to censor the book *O avesso da pele* by Jeferson Tenório emerged, fragmenting the Brazilian ideological horizon. In this context, this article analyzes how the counterdiscourses of resistance in the digital environment respond to these censorship attempts, forming a center of value that opposes biblioclastic discursive gestures. To this end, we draw on Bakhtinian premisses and, considering the particularities of the object of investigation, establish a dialogue with reflections stemming from socio-philosophical approaches and studies on digital discourse. Methodologically, we follow the dialectical-dialogical guidelines formulated by Volóchinov to analyze a video from the Ministry of Culture of Brazil, posted on the current federal government’s social media on March 21, 2024, International Day for the Elimination of Racial Discrimination. In this study, we reflect upon the meanings of resistance through the reaccentuation of others’ words by dismantling discriminatory discourse and dialogizing offensive social language.

Keywords: anti-intellectualism; censorship; counterdiscourse of resistance; dialogical relations; ideological sign.

Resumen: Actualmente, con el advenimiento del ascenso de la extrema derecha, podemos ver el resurgimiento de valores axiológicos (neo)fascistas, entre los que destaca el antiintelectualismo. Pulverizando el horizonte ideológico brasileño, en 2024, aparecen intentos de censurar la obra literaria *O reverse da pele*, de



¹ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

Jeferson Tenório. Bajo este panorama, el presente artículo tiene como objetivo analizar la manera en que los contradiscursos de resistencia, en un entorno digital, responden a los intentos de censurar la obra en boga, conformando un centro de valor opuesto a los gestos discursivos biblioclásticos. Para ello, partimos de supuestos bajtinianos y, teniendo en cuenta las particularidades del objeto de investigación, establecemos un diálogo con reflexiones surgidas de enfoques y estudios sociofilosóficos sobre el discurso digital. En términos metodológicos, nos guiamos por las pautas dialéctico-dialógicas formuladas por Voloshinov para analizar un video del Ministerio de Cultura, publicado en las redes sociales del actual gobierno federal, el 21/03/2024, Día Internacional de la Lucha por la Eliminación de la Discriminación Racial. Con el estudio nos proponemos pensar los significados de la resistencia a través de la revalorización de las palabras ajenas a través del destronamiento del discurso discriminatorio y a través de la dialogización del lenguaje social ofensivo.

Palabras clave: antiintelectualismo; censura; contradiscursos de resistencia; relaciones dialógicas; signo ideológico.

“É necessário preservar o avesso [...]. Preservar aquilo que ninguém vê. [...] E, por mais que sua vida seja medida pela cor [...], entre músculos, órgãos e veias existe um lugar só seu, isolado. E é neste lugar que estão os afetos. E são esses afetos que nos mantêm vivos”
(Tenório, 2020).

Considerações iniciais

No (per)curso histórico do autoritarismo brasileiro, a censura se presentificou como um mecanismo sociodiscursivo que visava à contenção de pontos de vista contrários aos valores sustentados pela ótica ultraconservadora oficial. Nesse contexto, Carneiro (2002), ao se debruçar sobre regimes autoritários, postula que, sob o olhar biblioclasta, o livro se comporta como um veículo discursivo que ameaça, em termos (axio)ideológicos, o poder, visto que possibilita aos leitores o empoderamento e o (re)conhecimento social.

Dentre períodos históricos proeminentes à censura de livros no Brasil, destaca-se o período da Ditadura Militar, ocorrida entre os anos de 1964 e 1985. Nesse cenário sócio-histórico, estima-se que, nos dez primeiros anos do regime ditatorial

brasileiro, “cerca de 500 filmes, 450 peças de teatro, 200 livros, dezenas de propagandas de rádio, 100 revistas, mais de 500 letras de músicas e uma dúzia de capítulos e sinopses de 285 telenovelas foram censuradas” (Ventura, 1988, p. 285).

Com a ascensão da extrema direita no espectro político brasileiro, sob a égide do governo orquestrado por Jair Messias Bolsonaro, avultou-se um retorno axiológico a valores ultraconservadores, ecoados, sob o nosso prisma, por matizes ideológico-fascistas. Nesse engendramento, é possível observarmos estratégias discursivas acentuadas,

[...] axiologicamente, por tons valorativos de machismo, desigualdade, racismo, homofobia e xenofobia que, quando entrecruzados, formam um centro de valor caracterizado pela intolerância, voltado para atingir o outro, calá-lo, silenciando, por meio de práticas sociais e discursivas, as possibilidades de se fazerem manifestadas visões de mundo diferentes (Paschoal, 2020, p. 16).

Dentre as práticas discursivas que buscam o silenciamento alheio, destacam-se as censuras desencadeadas pelo governo bolsonarista. De acordo com um levantamento realizado pelo Movimento Brasileiro Integrado pela Liberdade de Expressão Artística (Mobile), o Brasil registrou, nos três primeiros anos do governo de Bolsonaro, 211 casos de censura². Ainda que, em 2022, sua reeleição não tenha tido êxito, é possível presenciar, no horizonte (axio)ideológico brasileiro atual, movimentos discursivos que corroboram os mecanismos centripetos³ contra a cultura, estruturados pelo seu governo, como o caso de pedido de censura exposto a seguir.

Em março de 2024, a diretora de uma escola de Santa Cruz do Sul, no interior do Rio Grande do Sul, publicou um vídeo em suas redes sociais criticando a circulação da obra *O avesso da pele*, de autoria de Jeferson Tenório, no âmbito educacional. Sob a alegação de “defender a ética, a moral e os bons costumes”, a diretora seleciona

² Indicamos a leitura da notícia completa disponível em: <https://noticias.uol.com.br/columnas/rubens-valente/2022/03/17/cultura-censura-ataques-governo-bolsonaro.htm>. Acesso em: 15 nov. 2024.

³ Bakhtin (2015) afirma que as vozes heterodiscursivas podem ser assimiladas de maneira mais ou menos autoritária, dependendo da tensão indissociável entre forças centripetas e forças centrifugas, que garantem dinamicidade à enunciação. Enquanto as primeiras, num movimento centralizador, procuram resistir às divergências, as segundas se empenham em manter a variedade, as diferenças. Logo, um discurso autoritário é aquele em que predominam as forças centripetas, buscando inibir, de antemão, a pulverização centrífuga dos sentidos.

um trecho da obra e, descontextualizando-o, alega que a narrativa está permeada por "palavras de baixo calão e sexo explícito". Em sua postagem em vídeo no Facebook, a diretora solicita "ao Ministério da Educação buscar os 200 exemplares enviados para a escola", sob o seguinte argumento: "Prezamos pela educação dos nossos estudantes e não pela vulgaridade".

Nesse contexto, hipotetizamos que, no horizonte verbo-axiológico do Brasil atual, coexistem, pelo menos, dois centros de valores cujas cosmovisões pedagógico-culturais se entrecrocaram: por um lado, avista-se um centro de valor com posições ideológicas voltadas para a "moral" e os "bons costumes"; por outro, um centro de valor que, revestido por tessituras democráticas, resiste a tais cosmovisões.

Sob esse panorama, o presente artigo tem por objetivo analisar o modo pelo qual os contradiscursos de resistência, em ambiente digital, respondem às tentativas de censura da obra em voga, formando um centro de valor avesso a gestos discursivos biblioclastas. Para tanto, partimos dos pressupostos teórico-metodológicos bakhtinianos e estabelecemos diálogo com reflexões advindas de abordagens sociofilosóficas e de estudos sobre o discurso digital. Como objeto de análise, selecionamos, do ecossistema digital, um vídeo do Ministério da Cultura (MinC) postado nas redes sociais do atual governo federal em 21 de março de 2024, Dia Internacional da Luta pela Eliminação da Discriminação Racial. Quanto à especificidade do objeto, o vídeo do MinC, por um lado, não responde abertamente ao ato de censura, mas a ele se contrapõe; por outro, concretiza o posicionamento do atual governo federal, remetendo aos "sistemas ideológicos formados", que, de acordo com Volóchinov (2021, p. 213), "cristalizam-se a partir da ideologia do cotidiano e, por sua vez, exercem sobre ela uma forte influência inversa".

Tendo em vista esse cenário, o presente artigo encontra-se configurado em três eixos enunciativos. O primeiro, "Anti-intelectualismo (neo)fascista: censura e racismo em relação constitutiva", expõe breves reflexões sobre o anti-intelectualismo, las-

tro (axio)ideológico característico de movimentos discursivos ditatoriais e totalitários. O segundo, "Dialogismo e contradiscurso de resistência em ambiente digital: aportes teórico-metodológicos", discorre sobre os pressupostos teóricos do Círculo de Bakhtin em diálogo com contribuições da análise do discurso digital, visando à ancoragem de um movimento metodológico-analítico que considera as especificidades do objeto de análise. A terceira seção, "Ética, estética e política da leitura: (contra)discursos e/de resistências no avesso da(s) história(s)", dedica-se à análise, orquestrada a partir do movimento dialético-dialógico entre o verbal, o não verbal e o extraverbal.

1 Anti-intelectualismo (neo)fascista: censura e racismo em relação constitutiva

As práticas de censura aos livros e às demais materialidades socioculturais são um mecanismo recorrente na história mundial, sobretudo quando uma dada sociedade se encontra sob a égide de regimes autoritários e/ou fascistas. Ainda que tais regimes apresentem interseccionalidades quanto aos seus lastros axiológicos, é importante salientar que

[...] nem todo autoritário é fascista, mas todo fascista é autoritário. Nem todo idealista é fascista, mas todo fascista é idealista. Nem todo utópico é fascista, mas todo fascista é utópico. Nem toda a violência deriva do fascismo, mas não há fascismo sem pregação da violência. Por ser mais um movimento que uma filosofia, especialmente porque mais conectado à ação que ao pensamento reflexivo, o fascismo é o rio de paixões caudalosas que corre sempre em direção à solução final, aquele que, após derramar sangue em nome da correção moral, da pátria e do que alega ser sagrado, promete ser possível atingir-se a plenitude de paz. Não, o fascismo não existe na mesma dimensão e estridência que nos anos 20, 30 e 40 do século XX, mas não se pode dizer que ele tenha sido plenamente erradicado da humanidade (Gossn, 2020, p. 8).

Apesar das especificidades governamentais, tanto os regimes autoritários quanto os fascistas concebem a educação e a cultura como esferas que ameaçam o controle da nação, uma vez que, ao promoverem o pensamento crítico, tendem

a questionar imposições alimentadas por um irracionalismo advindo do "[...] culto da *ação pela ação*. A ação [sob o prisma autoritário-fascista] é bela em si e, portanto, deve ser realizada antes de e sem nenhuma reflexão" (Eco, 2018, p. 47). No percurso sócio-histórico mundial, as práticas biblioclastas e de censura mais emblemáticas remontam ao fascismo europeu, orquestrado pelas figuras políticas de Benito Mussolini (1883-1945) e Adolf Hitler (1889-1945). Pensemos, por exemplo, nos rituais biblioclastas à época da Alemanha nazista, ocorridos geralmente na praça da Ópera de Berlim (Opernplatz).

Sob a cosmovisão fascista, a autoridade patriarcal necessita defender o *status quo* nacional da família e da moralidade e, por conseguinte, destituir ideias que *a priori* possam dizimá-las. Trata-se de um movimento em (dis)curso cujos valores ideológicos defendem "o passado mítico, propaganda, anti-intelectualismo, irrealidade, hierarquização, vitimização, lei e ordem, ansiedade sexual, apelos à noção de pátria e desarticulação da união do bem-estar público" (Stanley, 2018, p. 14). Sendo assim,

[...] sempre que o fascismo ameaça, seus representantes e facilitadores denunciam as universidades e as escolas como fontes de "doutrinação marxista", o bicho-papão clássico da política fascista. Usada normalmente sem qualquer conexão com Marx ou com o marxismo, a expressão é empregada na política fascista como uma maneira de difamar a igualdade [...]. O fascismo consiste na perspectiva dominante, e, assim, durante momentos fascistas, há um forte apoio no sentido de que se denunciem disciplinas que ensinam perspectivas diferentes das dominantes [...], sendo apresentada como a verdade, a "história real" (Stanley, 2018, p. 54).

Com o invólucro da política do "nós" *versus* "eles", o fascismo concebe o "eles" como sendo inimigo da nação, constituído por flancos nodais dos quais se avulta a dimensão intelectual (Stanley, 2018). Dessa forma, sob a ótica axiológica fascista, a vida em sociedade exige um combate permanente contra o inimigo criado, visão que

implicou, à época do nazifascismo europeu, "uma tendência interna ao policiamento militar de todos os aspectos significativos" (Konder, 1977, p. 82). Ao forjar um Estado repressivo, o nazifascismo fez uso da violência físico-estatal para combater o inimigo, perfilando seu *modus operandi* por ações axiologicamente marcadas pelo culto à violência (Eco, 2018).

Conforme Stanley (2018), para além da violência física, a visão de mundo fascista busca macular seu inimigo intelectual por meio de ações incessantes de silenciamentos (censura), como foi o caso dos ritos de queima de livros na Alemanha nazista. Na busca de desconstruir a dignidade discursiva de seus "inimigos intelectuais", tanto Hitler como Mussolini justificavam, nos fios de seus discursos, os atos de censura com a ideia de que o inimigo não se encontrava apenas fora dos limites geográficos nacionais, mas, também, dentro, propondo desnudar a arbitrariedade desse posicionamento por meio de materialidades culturais. Observemos, a seguir, um pronunciamento emblemático de Benito Mussolini, cujo conteúdo temático se orienta à justificativa das ações da milícia Camisas Negras, que, por diversas vezes, perseguiu e assassinou pessoas atreladas à esfera educacional e cultural: "[l]as nossas expedições punitivas, todas aquelas violências que ocupam as crônicas dos jornais", argumenta Mussolini (1921, p. 125, tradução nossa), "[...] devem sempre ter um caráter de uma verdadeira distorção e de uma legítima represália. Porque somos os primeiros a reconhecer que é triste, depois de ter combatido os inimigos de fora, combater agora os inimigos de dentro"⁴.

No que diz respeito ao anti-intelectualismo típico do nazifascismo, é perceptível a construção de um inimigo intelectual que, sob a acusação de "doutrinação", subverteria os lastros patriarcais e arianos, responsáveis pela lei e pela ordem de uma nação supostamente heroica. Qualquer ramificação cultural que busque retratar as contradições sociais do devir humano torna-se, sob

⁴ No original: "Le nostre spedizioni punitive, tutte quelle violenze che occupano le cronache dei giornali, devono avere sempre il carattere di una giusta ritorsione e di una legittima rappresaglia. Perché noi siamo i primi a riconoscere che è triste dopo avere combattuto contro i nemici di fuori combattere ora contro i nemici di dentro".

as lentes nazifascistas, "suspeita[,] na medida em que é identificada com atitudes críticas" (Eco, 2018, p. 48). Por conseguinte, "o indivíduo que desviar do caminho fascista [...] será repreendido com a vara, a violência santificada, purificadora, que purgará os pecados, os males oriundos da *degeneração cultural e moral*, essas advindas da modernidade, do iluminismo, do cientificismo e, claro, do marxismo" (Gossn, 2020, p. 48, grifos nossos).

Como já mencionado, no Brasil, as práticas de censura e biblioclastia foram (e continuam a ser) recorrentes no horizonte intelectual-cultural. Tais ações permitem compreender que nos situamos em uma sociedade que acena, periodicamente, para o anti-intelectualismo fascista, bem como para seus demais valores ideários. Ana Maria Dietrich (2016), na pesquisa *Nazismo do Oiapoque ao Chui: a distribuição dos grupos nazistas no Brasil dos anos 30*, desnuda a corroboração de valores hitlerianos pelo governo brasileiro no contexto mencionado, criando condições socio-políticas propícias para a instalação de grupos e movimentos nazistas imigratórios.

Nesse intercurso heurístico, Schwarcz (2019), ao se debruçar sobre a sociogênese brasileira, sublinha o quão autoritários foram os nossos modos configurativos de estruturação social e de fazer política. Como efeito de um autoritarismo desmedido e de flertes constantes com axiologias nazifascistas, destaca-se o período da Ditadura Militar, operacionalizada por meio de uma linguagem que dialogizou anti-intelectualismo e racismo, aos moldes do arianismo hitleriano. Durante o Regime Militar, a cultura nacional foi desmedidamente atacada. Intelectuais, artistas, acadêmicos e atores sociais com representatividade que questionaram o *status quo* autoritário foram perseguidos, silenciados e/ou aprisionados. Além disso, o regime ditatorial intensificou a relação entre a censura e o racismo, na tentativa de asfixiar as vozes sociais que buscavam equidade e justiça social, cristalizando, com esse *modus operandi*, os mecanismos estruturais de marginalização e invisibilização de grupos étnico-raciais não contemplados pela

ideologia dominante.

Ao longo da história do período, um dos casos mais proeminentes foi a perseguição ao intelectual, político e ativista negro Abdias Nascimento (1914-2011), fundador do Teatro Experimental Negro (TEN), em 1944. Nascimento representava, à época, uma das principais vozes sociais quanto à promoção dos valores culturais da população negra e ao combate da discriminação racial por meio da arte plástico-literária. Em obras como *O genocídio do Negro Brasileiro* e *Sortilégio*, o pensador expôs os mecanismos de violência estrutural que acometiam a população negra pela ação do Estado, bem como a necessidade de criação de políticas públicas que visassem ao rompimento da perpetuação estereotipada da figura negra no País. No contexto ditatorial, as obras de Nascimento foram retiradas de circulação, o que foi seguido pelo fechamento do teatro fundado pelo intelectual, sob a alegação discursiva de promover atividades subversivas.

Apesar de, aparentemente, práticas *anti-intelectualistas*, *de censura*, *biblioclastas* e *racistas* terem permanecido no passado sócio-histórico, do ponto de vista trans-histórico, a realidade vigente reflete e refrata o ressurgimento axiológico desses valores, reafirmando a aposta de que "talvez estejamos vivendo mais um novo capítulo desta nossa história autoritária, com uma convincente guinada conservadora e reacionária, que surgiu nas urnas de 2018" (Schwarcz, 2019, p. 224). Ancorando-se nos estudos desenvolvidos por Paschoal (2021a), este trabalho insere-se em uma perspectiva investigativa cuja premissa defende a ideia de que a malha discursiva bolsorista fez expandir no horizonte verbo-axiológico brasileiro um centro de valor que ecoa valores (neo)fascistas.

Desse fenômeno, insurge o anti-intelectualismo atual, refletido e refratado nas tentativas de censura à obra *O avesso da pele*, do autor Jeferson Tenório. Contudo, dada a abertura cultural em que o Brasil se encontra atualmente, é possível averiguarmos um outro centro de valor que, na contracorrente discursiva, opõe-se aos mecanismos de repreensão literário-cultural.

Tal epicentro (axio)dialógico será nossa fonte de observação. No entanto, antes de adentrarmos em seu escrutínio, apresentamos, a seguir, os fundamentos teórico-metodológicos que subsidiarão a análise prospectiva.

2 Dialogismo e contradiscurso de resistência em ambiente digital: aportes teórico-metodológicos

Uma figura recorrente nas obras do Círculo de Bakhtin⁵ é o Jano bifronte, deus romano de duas faces, que olham, simultaneamente, para a frente e para trás, encarnando a indissociabilidade entre eu e outro; palavra própria e palavra alheia; já-ditos, não ditos e o horizonte de dizeres possíveis. Em *Para uma filosofia do ato responsável*, o filósofo russo propõe uma analogia entre o Jano bifronte e o ato ético, responsivo e responsável, que metaforiza o ato como cruzamento entre a bagagem cultural de uma sociedade e o mundo da vida concreta, em que tal bagagem é reatualizada pelo sujeito em "um único plano unitário para refletir-se em ambas as direções, no seu sentido e no seu existir" (Bakhtin, 2017, p. 43). O sentido do ato torna-se, então, participativo, e o enfrentamento alteritário às visões de mundo compartilhadas dota o agir de "volume e peso maior do que qualquer unidade de ordem teórica e científica" (Bakhtin, 2017, p. 51). Com isso, o ato ressignifica o passado à luz de um presente que, inevitavelmente, orienta-se às respostas futuras, ao subsequente engajamento tenso do outro.

Nesse viés argumentativo, a corporificação pessoalizada do ato ético enforma os sentidos produzidos nas relações alteritárias. Para Bakhtin (2017, p. 52), o sentido depende da "encarnação concreta e singular" dos valores compartilhados no existir, sob a forma do "aí estou também eu". De acordo com Bubnova (2016, p. 140), o ideário bakhtiniano tematiza uma "ontologia somática" baseada na presença responsável, pondo em cena "um corpo dotado de consciência de si

mesmo que é percebido pelo outro" e que, assim, "deve ser visível, palpável, audível, mas, sobretudo, nomeado, dito". No dizer, corpo e palavra compõem a concretude do enunciado, estabelecendo fronteiras alteritárias entre perspectivas singulares sobre o mundo, as quais, em tensão dialógica, constituem o sentido (Bubnova, 2016).

Em *Marxismo e filosofia da linguagem*, Volóchinov (2021), ao conceituar "ideologia", aponta para a corporificação de enunciadores e visões de mundo em uma dada materialidade discursiva. Tomando o signo ideológico como unidade exemplar ao enfrentamento alteritário entre sujeitos e suas coletividades, assinala que, "assim como Janus, qualquer signo ideológico tem duas faces" (p. 113), representadas na dialética interna do signo, relativa ao "cruzamento de interesses sociais multidirecionados nos limites de uma coletividade signica, isto é, a *luta de classes*" (p. 112). Da luta de classes, o signo é arena, palco de confronto, pondo em cena a responsividade constitutiva do sujeito. Disso decorre a noção de *contrapalavra* como resposta ativa e assimilação reacentuada, seja da multiacentuação latente na/da palavra, seja das ênfases valorativas dos interlocutores: "Iem cada palavra de um enunciado compreendido, acrescentamos como que uma camada de nossas próprias palavras responsivas" (Volóchinov, 2021, p. 232).

Sobre a dialética interna do signo, Bubnova (2016) compreende a ideologia no plano do ato ético-discursivo que, orientando-se ao outro, localiza socialmente os participantes do evento. Isso é realizado, dentre outros aspectos, por meio da voz, "emissão corporal individualizada, capaz de se associar [...] com a ideia de 'entonação', por uma parte, e com a 'ideologia', por outra" (Bubnova, 2016, p. 147). Relacionando as concepções de contexto do ato discursivo com a arquitetônica, entendemos que o material corporificado da palavra abarca a projeção de subjetividades (Moll; Di Fanti, 2021), pois o enunciado emerge

⁵ O encontro entre pensadores de formações acadêmicas distintas, ocorrido entre 1919 e 1929, na Rússia, foi designado como Círculo de Bakhtin por pesquisadores contemporâneos. Para os estudos do discurso, os trabalhos de Mikhail Bakhtin, Pável Medviédev e Valentin Volóchinov são particularmente importantes, sendo pilares da abordagem dialógica da linguagem (Faraco, 2009). Considerando que os escritos de Bakhtin a partir de 1930 ecoam as discussões realizadas em grupo, empregamos "Círculo de Bakhtin" para representar o conjunto da produção, sem desconsiderar as singularidades autorais (Barbosa; Di Fanti, 2020).

de uma reorganização arquitetônica de "t[od]os os valores e as relações espaço-temporais e de conteúdo-sentido" em torno de três momentos fundamentais: o eu-para-mim (como eu me autoavalio), o eu-para-o-outro (como eu imagino que o outro me avalia) e o outro-para-mim (como eu avalio o outro) (Bakhtin, 2017, p. 115). Logo, a alteridade inscrita nas relações dialógicas particulariza a acepção bakhtiniana de sentido (Paula *et al.*, 2021).

Em *Os gêneros do discurso*, Bakhtin (2016, p. 58) afirma que o tom valorativo-expressivo do enunciado e seus aspectos estilísticos e composicionais, concretizam "a relação do falante com os enunciados do outro, e não só a relação com os objetos do seu enunciado". Por isso, o projeto discursivo de um enunciado, seu endereçamento, refrange a resposta antecipável do outro, o "campo aperceptivo da percepção do meu discurso pelo destinatário" (Bakhtin, 2016, p. 63). Com isso, entrecrocamos campos aperceptivos do discurso alheio a partir do horizonte verbo-axiológico de um dado contexto sócio-histórico, sendo essa disputa refletida e refratada pelas escolhas linguístico-discursivas dos sujeitos: "o estilo é, pelo menos, dois homens, mais precisamente, o homem e seu grupo social na pessoa do seu representante autorizado, ou seja, o ouvinte" (Volóchinov, 2019, p. 143).

O caráter corporificado e responsivo do sentido pode ser observado em diferentes materialidades e ambientes de interação discursiva, como é o caso do ambiente digital. Pierre Lévy (2011), ao tratar do domínio virtual, observa que este se opõe ao atual, não ao real, sendo, antes, a esfera de problematização do real, demandando comprometimento ético com as escolhas a serem realizadas em atualizações futuras. Desse modo, ao associarmos essa reflexão aos pressupostos bakhtinianos, entendemos que os enunciados concretos, em circulação no ambiente digital, corporificam o sentido em ato, por um lado, projetando o sujeito, seu corpo e sua subjetividade em cena e, por outro, respondendo não só às possibilidades de agir, mas também aos interlocutores (presentes, passados e futuros),

ao horizonte verbo-axiológico e aos centros de valores da arquitetura do mundo real do ato singular.

No âmbito da análise do discurso digital, Marie-Anne Paveau (2021) propõe uma perspectiva ecológica ao articular o conjunto do ambiente de interação e os discursos nele inscritos, indissociando o linguageiro do tecnológico e das demais dimensões englobantes (cultural, social, político etc.). Essa visada integrativa, pós-dualista, volta-se para a compreensão do chamado tecnodiscurso, entendido como discurso produzido no espaço digital da web 2.0 (participativa), em que se conjugam o papel da tecnologia e a especificidade das interações nas redes sociais, nos fóruns, nos blogs etc., considerando "o complexo funcionamento do digital sem prescindir da intrínseca relação entre sujeito, linguagem, máquina e sociedade" (Costa; Baronas, 2021, p. 22).

Embora reconheça no dialogismo bakhtiniano a base para as relações semânticas entre enunciados, Paveau (2021, p. 33) compreende que as formas de interação digitais nativas, *online* – como o circuito publicar, reagir ("curtir", "compartilhar") e comentar – possuem uma "relacionalidade material e automática", que não depende de analogias e associações, pois faz parte do *design* técnico desses ambientes. Essa relacionalidade contempla as dinâmicas entre um enunciado objetivado e suas relações reticulares (não lineares, cada vez mais ampliadas) com outros enunciados, bem como "com os aparelhos, por causa da natureza compósita que faz com que os enunciados sejam coproduzidos com a máquina" (Paveau, 2021, p. 59). Por isso, a autora contesta a designação dos aparelhos (telefone, computador, tablets etc.) como "suporte", já que são "elementos intrínsecos do ambiente e não uma simples ferramenta 'sobre' a qual os discursos seriam produzidos" (Paveau, 2021, p. 71).

No que tange aos contradiscursos de resistência em ambiente digital, entendemos, a partir da perspectiva bakhtiniana, que todo discurso pode ser considerado um contradiscurso, já que responde a discursos outros, sejam eles presentes, passados e/ou futuros, evocando já-ditos e não

ditos (Bakhtin, 2016). Sobre a resistência, baseando-nos nas discussões sobre a carnavalização e o romance (Bakhtin, 2010, 2015) e nos conceitos de signo ideológico (Volóchinov, 2021) e centro valorativo (Bakhtin, 2017), propomos pensar os sentidos de resistência a partir da contrapalavra de um sujeito intolerado, ofendido, via reacentuação apoiada pelo coro de seu grupo/classe (Volóchinov, 2019), a um discurso que reverbera um centro axiológico cujas valorações buscam atacar e/ou excluir o outro, o diferente.

Nessa dinâmica de reacentuação, podemos pensar, pelo menos, em dois caminhos complementares à produção de resistência: (a) um ritual de destronamento⁶ do discurso discriminatório no interior do signo ideológico, revertendo os polos valorativos a partir da perspectiva do oprimido (Bakhtin, 2010); e (b) a dialogização da linguagem social ofensiva, parodiando e remodelando o contexto axiológico desta em linguagens heterodiscursivas que representem um grupo marginalizado (Bakhtin, 2015). Em ambos os casos, opera-se a relegitimação da cidadania e da integridade de vozes sociais oprimidas, respondendo, a partir de uma ética orientada à coexistência agonística no pluralismo democrático⁷, à exclusão decorrente de relações de inimizade antagônica (Mouffe, 2003).

Convém notar que tais movimentos de reacentuação da palavra alheia constam, no Circuito, como maneiras de resistir à palavra única (Volóchinov, 2021) em *loci* discursivos diversos. A constituição da palavra própria, enquanto ato responsável, é um dever ético, reassumido em distintos ecossistemas alteritários. Paveau (2021), por sua vez, ao apontar para o funcionamento da ciberviolência discursiva – os tipos de assédios e os parâmetros da comunicação *on-line* no âmbito da análise do discurso digital –, contribui também

com a discussão ao apresentar respostas tecno-discursivas aos discursos violentos e agressivos *on-line*. Dentre o conjunto de respostas, a noção de “ressignificação”, embora tenha características próprias, dialoga com a nossa proposta de analisar os contradiscursos de resistência nas redes sociais.

A resignificação é um “procedimento léxico-discursivo, que consiste em assumir uma (de)nominação insultuosa para fazer dela um símbolo de identidade ou de orgulho, em uma visada de ética do discurso” (Paveau, 2021, p. 89). Esse conceito, cunhado pela filósofa Judith Butler devido a insultos homofóbicos, é um “contradiscorso”, “uma espécie de resposta”, que se ancora no (a) linguístico, sentido contextualizado, no (b) discursivo, “forma de reenuniação de um termo ofensivo”, e no (c) político, incorporação da “ofensa que lhe foi desferida” e produção de “uma resposta discursiva e ideologicamente inovadora” por um coletivo de modo a produzir “reparação e resistência” (Paveau; Costa; Baronas, 2021, p. 26, 39), potencializadas pelo ecossistema digital.

Endereçando a reflexão bakhtiniana ao ambiente digital, entendemos que os contradiscursos de resistência mantêm a dimensão ética previamente discutida, a partir da qual se realiza a ressemantização da corporeidade da palavra. O corpo no/do enunciado, em contexto digital, correlaciona o virtual ao centro valorativo humano concreto (Bakhtin, 2017), dotando ao dizer o estatuto de presença, ao mesmo tempo, individual (sujeito enunciadador) e coletiva (grupo/classe social de que faz parte). A perspectiva da corporificação axiológica explicita o espaço de problematização virtual (Lévy, 2011), o qual será ocupado por atos éticos singulares – que envolvem “o meu próximo, o meu contemporâneo (a humanidade social), o passado e o futuro

⁶ Analisando aspectos culturais do carnaval, festa popular nos contextos da Idade Média e do Renascimento, para pensar o fenômeno discursivo da carnavalização em Rabelais, Bakhtin (2010) inclui o momento de destronamento do rei como um fenômeno ligado à burla da linguagem oficial pela voz do povo, a partir do riso e do grotesco. Estes “destroem a seriedade unilateral e as pretensões de significação incondicional”, libertando “a consciência, o pensamento e a imagem humana” (Bakhtin, 2010, p. 43).

⁷ A cientista política Chantal Mouffe (2003) contrapõe à democracia neoliberal contemporânea o projeto de uma democracia pluralista. No primeiro modelo, as relações tensivas entre os sujeitos tomam a forma de luta entre inimigos antagônicos, escamoteando a tensão ideológica sob uma figura partidarista que, supostamente, atenderia aos interesses de todos. Já no segundo modelo, as relações de alteridade são privilegiadas sob a forma de debate entre oponentes, os quais travam relações agonísticas, no interior das quais todos os projetos societários compartilham da mesma legitimidade. Nisso, a agonística social torna-se o princípio mesmo da democracia, regenerando o conceito de “bem-comum”.

de pessoas reais da humanidade histórica real" (Bakhtin, 2017, p. 106) –, que demandam modificações políticas concretas.

Sob o ponto de vista metodológico, a confluência dos campos culturais no ato ético impacta a análise das reacentuações discursivas de resistência. Para Volóchinov (2021), a análise deve ser integrada entre esfera da atividade, gênero do discurso e enunciado. Medviédev (2012, p. 133), na mesma esteira, defende que não se pode separar o objeto de análise de seus elementos qualitativos constituintes, como "[...] suas ligações com outros objetos, ligações sem as quais ele próprio torna-se incompreensível. A delimitação deve ser dialética e flexível". Na tensão entre o grande diálogo social e as necessidades discursivas correntes, as relações de sentido indiciam o "ângulo dialógico" (Bakhtin, 2018, p. 208) a partir do qual visões de mundo se contrapõem em enunciados integrais, instaurando distintas relações de alteridade e graus de comprometimento com valores compartilhados (Moll; Di Fanti, 2021).

Quanto à operacionalização da análise, o vídeo do MinC é um objeto cuja natureza integra aspectos extraverbais, verbais e não verbais, visto que se configura como uma postagem de vídeo – a partir de tecnologias compartilhadas pelo amplo discurso midiático, como câmera, microfone etc. – em ambiente digital. O caráter não nativo desse vídeo não impede a ampliação dos sentidos via compartilhamentos e comentários em esquemas relacionais (Paveau, 2021) típicos de distintas redes sociais e plataformas pelas quais transitou. A polêmica velada⁸ ao pedido por censura particulariza a construção enunciativa do vídeo do MinC, entre imagens e falas que citam motivos pelos quais a obra de Tenório deve ser lida. Na próxima seção, além de contextualizar o tema do romance em seus aspectos de resistência ao racismo, também analisaremos os motivos pró-leitura mencionados, observando o imbricamento entre posturas éticas, estéticas

e políticas na dinâmica contradiscursiva, em um gesto analítico guiado pelas diretrizes dialético-dialógicas formuladas por Volóchinov (2021).

3 Ética, estética e política da leitura: (contra)discursos e/de resistências no avesso da(s) história(s)

Escrita em 2020 por Jeferson Tenório, a obra *O avesso da pele* narra, em primeira pessoa, a história de Pedro, que, após o assassinato do pai, Henrique, por violência policial, empenha-se em reconstruir o percurso paterno pelo avesso do crime sofrido, desde um viés afetivo: "As pessoas que te mataram [...] nunca saberão nada sobre o que você [pai] tinha antes da pele. Jamais saberão o que você carregava para além de uma ameaça. Por isso, sigo recontando a tua vida, que também é um pouco da minha" (Tenório, 2020, p. 184). A narrativa mescla facetas do passado e do presente entre pai e filho negros, cronotopicamente demarcadas no ontem (Rio de Janeiro – RJ) e no hoje (Porto Alegre – RS), trazendo à superfície discursiva feridas sociais que emolduram a região sul do País. Além do elitismo característico da região, o racismo estrutural faz-se proeminente no percurso dos personagens, não apenas refletindo nas questões profissionais de suas vidas, mas, inclusive, refratando nos relacionamentos inter-raciais por eles experienciados.

Devido à sensibilidade de o autor-criador abordar a temática do racismo estrutural, seguido da falência do sistema escolar público e da violência policial, além da estilística narratológica, a obra *O avesso da pele* rendeu notoriedade na esfera artístico-literária (inter)nacional. É possível, inclusive, avistarmos em sua feitura estilístico-enunciativa um quê de realismo grotesco rabelaisiano, por deslindar a ideia de que "as imagens grotescas do corpo predominam na linguagem não oficial dos povos", especialmente quando ligadas aos temas da injúria e do riso (Bakhtin, 2010, p. 278). O autor-criador, enformando o corpo interior de Pedro

⁸ A polemização com a palavra do outro é compreendida por Bakhtin (2018) como uma dentre outras materializações possíveis do discurso bivocal, orientado, ao mesmo tempo, ao interlocutor e às valorações sociais que permeiam o objeto do dizer. As polémicas são discursos bivocais de orientação vária, porque trazem valores distintos ao discurso polemizado, o qual pode aparecer de maneira mais aparente, na polêmica aberta, ou de forma velada, quando, ao apenas aludir ao discurso polemizado ou até escamoteá-lo, "a réplica do outro inexistel, mas projeta sua sombra e deixa vestígios" (Bakhtin, 2018, p. 239).

desde o avesso do corpo exterior de Henrique, traz ao núcleo temático do romance a dialética entre cor da pele e subjetividade, lançando uma contrapalavra ao preconceito racial a partir da valorização do que está dentro – o *avesso* – que, em se revelando, humaniza o que está fora – a *pele* –, através da memória de um narrador-filho que não só não pode, como, principalmente, *não consegue* se esquecer do assassinato de seu pai, professor de um falido sistema escolar público e vítima da violência policial.

Tal como Jano bifronte, os enunciados de Pedro encarnam as vivências do corpo negro, produzindo um contradiscurso de resistência no qual o signo ideológico “pele” é agenciado ao trabalho ético da rememoração, reacentuando, pelos laços da filiação, a crueza de um crime. Este, ao ser enunciado, ancora-se no interior de uma coletividade que exige reparação política a partir dos efeitos criados pelo discurso estético: “Pessoas brancas nunca pensam que um menino negro e pobre possa ter outros problemas além da fome e das drogas” (Tenório, 2020, p. 83). As significações culturais são reacentuadas pela enunciação de uma vivência racializada particular, problematizando a extensão do conceito de “humanidade” em um contexto político que se pretende democrático. A representação estética do antagonismo racista promove, em seu avesso, o projeto agonístico ético do bem-comum. Um conjunto de linguagens sociais é inquirido no e pelo ato ético narrativo, que, ao confrontar o afeto como figuração exclusiva do avesso, socializa-o, performando um ato político cujas ressonâncias dialógicas contribuem para que a coexistência alteritária seja uma realidade a ser alcançada.

O romance, em 2022, sob a égide do governo de Bolsonaro, entrou para o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), sendo, em 2024, sob a administração de Luiz Inácio Lula da Silva, distribuído para as escolas de ensino público. Já nos primeiros meses do ano, o centro axiológico bolsonarista passou a ecoar nas redes sociais, expressando descontenta-

mento à resistência entretecida nas páginas do romance, exigindo, via projeto enunciativo de censura, que o avesso fosse aliado da esfera formativo-pedagógica e retornasse à reclusão socialmente imposta.

Em termos gerais, o centro de valor bolsonarista insurge formalmente no horizonte verbo-axiológico brasileiro a partir da vitória eleitoral de Jair Messias Bolsonaro, nas eleições de 2018. Todavia, a atmosfera axiológica nacional que antecede a sua vitória propiciou o seu emergir e o seu protagonismo (axio)ideológico atual, a partir do chamado *impeachment* contra a ex-presidenta Dilma Rousseff, iniciado e orquestrado pelo espectro direitista conservador no ano de 2014. A partir desse movimento ensejado por uma parcela considerável da esfera política, presenciou-se, no horizonte nacional, a envergadura axiológica posta em (dis)curso pelas esferas jurídica e midiática que, comungadas à retórica lavajatista⁹, lapidaram ideologicamente o quadro semântico-axiológico antipetista. Nesse contexto tenso, emerge, para além dos repertórios verde-amarelos contestatórios nas ruas, o papel da ambientação digital, principalmente no que concerne ao uso das redes sociais e à funcionalidade de *outsiders*, espaços cibernéticos nos quais a direita conservadora, rumando para a substancial extrema direita, encontra um mecanismo discursivo

[...] para expandir sua clientela. Essa família ideológica renovou suas estratégias: migraram para os espaços on-line [...] e neles disseminaram intensamente o tema da corrupção, tratando-a como um escândalo midiático, concentrando sobre o PT e seus políticos. [...] os eleitores que foram às ruas protestar [pró impeachment] obtiveram informações sobre os eventos em perfis das redes coordenadas por líderes outsiders que compartilhavam mensagens intolerantes e polarizadas (Telles, 2019, p. 85-86).

Esse contexto de combustão social tonaliza as eleições de 2018, em que a polarização e o antipetismo foram (e continuam a ser) agudizados pela figura de Bolsonaro, cuja vitória eleitoral configura a formação de um centro axiológico

⁹ Conjunto de vozes sociais que integram e/ou reacentuam os mecanismos da Operação Lava Jato.

que acena para o fascismo, fazendo brotar um neofascismo dos trópicos, manifesto, dentre outros valores, no anti-intelectualismo e no racismo.

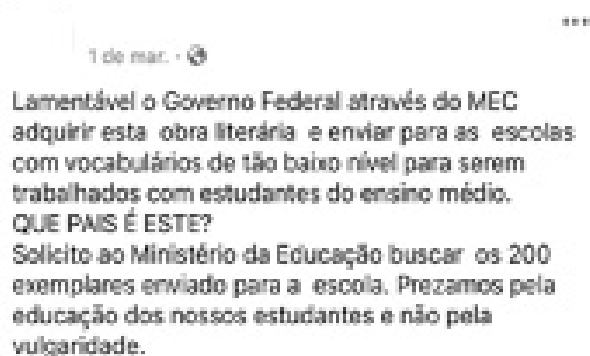
No governo Bolsonaro, a partir de medidas executivas governamentais, a esfera educacional e as instituições que a integram "sofreram perdas de investimentos, acompanhadas de agressões verbalizadas, como, por exemplo, universitários manifestantes contrários aos cortes orçamentários serem chamados [pelo presidente em vogal de 'uns idiotas úteis, uns imbecis'" (Paschoal, 2021a, p. 136). Tal anti-intelectualismo se acentuou na pandemia de Covid-19, em que Bolsonaro mostrou-se contrário às medidas protetivas indicadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS), deslegitimando autoridades da saúde pública e naturalizando a morte em massa. Em diversos enunciados, o ex-presidente nivelou a gravidade viral a uma "gripezinha", por meio de pronunciamentos como "Alguns vão morrer? Vão morrer, ué, lamento, lamento. Essa é a vida, é a realidade" (Presidente [...], 2020).

Em relação ao racismo – dialética e dialogicamente imbricado ao anti-intelectualismo –, o centro de valor bolsonarista, ao recrudescer valores fascistas em sua malha valorativo-discursiva, "sugere uma sobre-eminência do racismo institucional" durante sua governabilidade (Paschoal, 2021b, p. 12). Valores como esses tornaram-se

recorrentes nas esferas oficiais e cotidianas no horizonte verbo-axiológico brasileiro entre os anos de 2019 e 2022. No entanto, apesar do enfraquecimento ideológico com a derrota de Bolsonaro nas urnas de 2022, é necessário salientar que o bolsonarismo transcende a sua figura e ecoa em outras posturas intolerantes.

Como apontado no início deste artigo, no dia 1º de março de 2024, uma diretora de uma escola do interior do Rio Grande do Sul publicou um vídeo polêmico em suas redes sociais, no qual faz o pedido de retirada da obra *O avesso da pele* das escolas de rede pública, que havia sido distribuída pelo Ministério da Educação do atual governo federal. Apesar de a diretora ter posteriormente excluído o vídeo, o alcance midiático de seu ato discursivo possibilitou o resgate público do epicentro temático de sua discursivização. Em sua argumentação, a diretora, emoldurando seu discurso por meio de posições ideológicas, respaldadas na "moral" e nos "bons costumes", exige que o atual governo federal retire das escolas a obra literária, haja vista que a narrativa estaria permeada por "palavras de baixo calão e sexo explícito". Além do vídeo polêmico, a diretora, em sua página do Facebook, fez o seguinte pronunciamento via tecnogênero discursivo postagem:

Figura 1 – Postagem do Facebook



Fonte: Facebook (2004).

O "vocabulário de baixo nível" ao qual a diretora se refere diz respeito a estereótipos explorados na narrativa entre as páginas 29 e 31, para levar o leitor presumido à reflexão sobre como corpos negros (feminino e masculino) são axiológicos pela branquitude. Sabe-se que, desde a escravização, o imaginário sociodiscursivo brasileiro é marcado por processos ideológicos de hipersexualização corpórea da etnia negra. Na obra, o autor-criador, por meio do personagem Pedro, reacentua os movimentos discursivos de fetichização e animalização em relação à performance sexual que circunda a imagem/*ethos*¹⁰ do homem negro, destronando tais visões de mundo ao trazer o ponto de vista dos próprios personagens na problematização proposta. Ao descontextualizar os signos ideológicos, a diretora demonstra desconhecimento do todo arquitetônico da obra *O avesso da pele*. Além disso, seus projetos enunciativos – tanto do vídeo quanto da postagem supracitada – indiciam uma atitude responsivo-ativa de uma educadora que, ao questionar "que país é este?" e atrelar a narrativa étnico-racial à "vulgaridade", anseia por uma educação elitista, em termos linguísticos e sociais. Não perceber a importância do conteúdo temático da obra em voga sugere condescendência perante as mazelas étnico-sociais brasileiras, ganhando força pelo coral de apoio bolsonarista, que, via viralização das postagens no ambiente digital, replicou o ato de censura nos estados do Paraná, de Goiás e de Mato Grosso do Sul.

Em contrapartida, dentre variados atos éticos reativos à censura do livro, oriundos de diferentes

esferas de comunicação discursiva (acadêmica, cultural, política etc.), no dia 21 de março de 2024, emerge, no horizonte verbo-axiológico digital brasileiro, a postagem do vídeo do Ministério da Cultura do atual governo, por nós considerada contradiscurso de resistência aos gestos centripetos de censura lançados à obra. A escolha pela data emblemática da postagem nas redes sociais – Dia Internacional da Luta pela Eliminação da Discriminação Racial – anuncia, (axio)ideologicamente, o tom valorativo do seu conteúdo temático, cuja avaliação social, entrelaçando a "minuta da época e o assunto do dia com a tarefa da história" (Medviédev, 2012, p. 185), toma a forma de um ato ético-político que contribui para as mudanças dialéticas provocadas, projetivamente, pelas contradições societárias.

No que se refere à análise do vídeo do MinC, consideramos que as dimensões verbal e não verbal, relativas à semiose do enunciado, assim como a extraverbal, relativa ao horizonte verbo-axiológico mais amplo, muitas vezes subentendido, sejam indissociáveis na composição do contexto enunciativo (Volóchinov, 2021). Com isso, trata-se de um enunciado cujas características refletem e refratam a relacionalidade em ambiente digital, visando à adesão do interlocutor por meio da voz, das imagens, da ambientação, da trilha sonora, do nível de engajamento responsivo previsto na formalidade adotada etc. Dentre esses aspectos, destacamos a presença corpórea dos dois locutores negros que enunciam no vídeo postado:

Figura 2 – Prints do vídeo postado pelo MinC



Fonte: Instagram (2024).

¹⁰ Figurando no interior da teoria bakhtiniana, o conceito de *ethos* é produtivo para pensar a refração da imagem do ser humano na literatura. Para Medviédev (2012), o *ethos* permite estudar a "formação do pensamento, da vontade ética e dos sentimentos" (p. 60) das personagens sob o fundo do horizonte ideológico mais amplo de uma dada sociedade, em um dado espaço-tempo, sendo um dos recursos ao estudo da "realidade já refratada ideologicamente" (p. 61) no objeto estético.

Ao convocá-los para a projeção enunciativo-discursiva, o MinC dialoga, minimamente, com duas questões nevrálgicas de nossa sociedade. A primeira diz respeito ao machismo estrutural, pois a escolha de uma locutora mulher para protagonizar a enunciação do vídeo alude à interseccionalidade existente entre as estruturas instrumentalizadas por corpos de etnia e gênero diversos (Akotirene, 2020). A segunda se refere ao modo pelo qual os corpos negros se projetam enunciativamente. A locutora mulher, ambientada em uma biblioteca, veste calça de linho e camisa de algodão com cores claras que, discursivamente, axiologizam ideias como organização e racionalidade. Jeferson Tenório, por seu turno, ao ser convocado a enunciar-se no final, vestindo jeans e cardigã em tons escuros, direciona o interlocutor para atentar-se ao conteúdo temático do seu discurso, reiterado pela sobriedade de suas vestes. Na tessitura do enunciado, os signos ideológicos não verbais, articulados aos verbais, como índices sociais de valor, colaboram com a desconstrução de estigmas lançados à corporeidade negra. Com esse jogo cênico entre dois corpos negros, o vídeo apresenta cinco motivos para ler a obra de Tenório (2020), os quais serão analisados na sequência.

O primeiro motivo – “a obra faz a gente pensar sobre assuntos sociais como o racismo, a violência e a precarização da educação na rede pública de ensino” – ecoa a polemização velada em relação ao vídeo da diretora, que solicitou a censura do romance. A suposta “vulgaridade” dos “vocabulários de tão baixo nível” está refrangida no “fazer pensar” típico da literatura, reacentuando o discurso da diretora como um juízo de valor nutrido pela inépcia em compreender fenômenos em profundidade. A voz institucional, com isso, protege e reitera a tese do romance, incluindo-se entre aqueles que irão “pensar” criticamente sobre as dinâmicas de poder que circundam o corpo negro e distanciando-se daqueles que, em atos de censura, reiteram o racismo e a violência. A polémica velada em ambiente digital associa-se à problematização virtual das vivências atuais (Lévy, 2011), visto que o discurso da censura é

reacentuado pela ênfase nos “assuntos sociais”, “públicos”, como o ensino, cujo caráter formativo e político ampara e anima a mudança do *status quo*.

Em relação ao segundo motivo – “a obra é vencedora do Prêmio Jabuti, a premiação literária mais tradicional do Brasil; além disso, também foi selecionada para distribuição gratuita nas escolas pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático do Ministério da Educação” –, percebe-se um tom de reconhecimento por meio dos signos ideológicos “obra vencedora” e “prêmio Jabuti”, legitimando o romance a partir da credibilidade aferida à “premiação literária mais tradicional do Brasil”. Sem mencionar o pedido de censura pela diretora da escola gaúcha, a polemização velada se contrapõe ao caráter estrutural do racismo, atrelando-se a um coro de apoio orientado ao pluralismo democrático e cultural brasileiro, enunciativamente mobilizado não só pelo prêmio, mas pela política pública do PNLN. Nesse contexto, o signo ideológico “tradicional”, enunciado pela perspectiva do oprimido, reacentua os valores conservadores da ideologia oficial e os destrona, ao explicitar o reconhecimento da obra na linguagem heterodiscursiva, a da premiação, na qual a “valorização”, a “autoridade reconhecida”, o “evento cânone” e a “celebração cultural de amplo alcance” se atrelam ao signo ideológico “Brasil”.

Ao apresentar o terceiro motivo, a locutora destaca cantores presentes na obra: Luiz Melodia, Chico César, Jards Macalé, Tim Maia e grupo Racionais Mc's. A valorização da cultura musical negra destrona o discurso racista, fazendo reverberar linguagens heterodiscursivas, representadas nas múltiplas semioses do vídeo. Luiz Melodia é contemplado verbo-voco-visualmente, seja na referência ao cotidiano do personagem Henrique, que “saí pelas ruas ouvindo a música *Abundantemente morte*”, seja na imagem facial do cantor projetada no vídeo, tocando “Um trequinho assim: *A cruz à distância do povo de nada / Um morto mais vivo de vida privado*”. As construções ideológicas “povo de nada” e “morto mais vivo”, em diálogo com o todo arquitetônico da música, refletem e refratam questões como a precariza-

ção da vida de determinados sujeitos sociais e a onipresença da morte em vida, duas constantes no (re)existir da população negra.

Para introduzir os demais cantores, a locutora os qualifica como "grandes artistas de nossa música". A escolha estilística da palavra ideológica "grandes" não só reconhece a importância dos artistas referenciados, mas também instaura uma ética de resistência e apoio ao grupo marginalizado, como se verifica nos signos ideológicos contradiscursivos a seguir: Chico César usa uma tiara florida, signo ideológico que mescla seu estilo romântico, refletido e refratado em sua luta antifascista¹¹; Jards Macalé usa óculos estilo vanguarda cultural; já Tim Maia, ao centro do vídeo, aparece com seu conhecido cabelo *black power*, signo ideológico que reflete e refrata a resistência e a identidade da etnia negra; a imagem do grupo Racionais Mc's responde, no grande tempo, ao anti-intelectualismo ecoante na Ditadura Militar, período no qual os sons e ritmos do samba e do *funk*, próprios da cultura negra, foram estigmatizados (Costa, 2016).

Ao fim do terceiro motivo, observamos uma mudança na entonação estilístico-valorativa da locutora, do tom oficial/formal ao informal. Nesse momento, o destronamento contradiscursivo se dá na própria linguagem heterodiscursiva empregada, que evoca uma cronotopia típica dos grupos jovens: "Dá até pra criar uma playlist para embalar a leitura desse grande livro". A escolha dos signos ideológicos "dá", "até" e "playlist" indica uma tentativa de inclusão, pela locutora, dos interlocutores presumidos ao ato contradiscursivo de, efetivamente, ler a obra, impulsionando sua circulação democrática. Ademais, observa-se uma mudança de ambientação cenográfica: foca-se no rosto da locutora, que surge entre livros organizados por ela em uma prateleira de biblioteca. Finda-se essa passagem, tonalizando-se, novamente, o signo ideológico "grande" (em "grande livro"), que, na singularidade semântico-axiológica, oportuniza a descontração, reacentuando as possibilidades amplificadas de

fruição que a leitura fornece. Com isso, responde-se ao tom folhetinesco, de "vulgaridade", aferido ao romance pela diretora da escola. Reitera-se a necessidade de uma literariedade não indiferente à realidade sócio-histórica do Brasil.

Endereçando-se ao quarto motivo, a locutora retoma o tom objetivo e formal: "O MinC apoia a difusão das discussões abordadas pelo *Avesso da pele*". O signo ideológico "difusão" concretiza o movimento centrífugo do contradiscurso, que resiste ao se apoiar na voz heterodiscursiva do MinC; o ministério, por sua vez, ampara a resistência com sua atuação centrípeta, "protegendo" e legitimando, axiologicamente, o ponto de vista do *avesso*. Ao enunciar a construção "pelo *Avesso da pele*", em vez de "na obra *O avesso da pele*", ressemantiza o signo ideológico "avesso" como um modo de objetivação do ato de resistência: ler pelo *avesso*, discutir o racismo pelo *avesso*, promover a leitura da obra *ao largo do, perfurando o, investindo contra o* discurso autoritário de censura. Subjacente a esse mecanismo, está o efeito de burla carnavalesca da palavra "avesso" produzido na reacentuação de resistência, não mais nominalizando um estado, mas conceituando uma perspectiva de análise sociológica: às *avessas* – ou, conforme o eco do famoso adágio de Walter Benjamin (2022), *a contrapelo da história*:

[...] [alqueles que, até hoje, sempre saíram vitoriosos integram o cortejo triunfal [...]. Os despojos, como é de praxe, são também levados no cortejo. Geralmente lhes é dado o nome de patrimônio cultural. [...] Por isso, o materialista histórico se afasta quanto pode desse processo de transmissão da tradição, atribuindo-se a missão de escovar a história a contrapelo (Benjamin, 2022, p. 12-23).

O apontamento de Benjamin (2022) compõe o tom de nossa análise, ao defender uma ética da inversão de valores desde uma crítica à história e aos seus patrimônios culturais, que exercem uma influência inversa no desenvolvimento da nação e em seus valores. Preservar o *avesso* para, com a socialização da escrita, revelá-lo; ler às *avessas* e observar as dinâmicas de poder a contrapelo da

¹¹ A luta antifascista de Chico César encontra-se refletida e refratada em seu repertório musical como, por exemplo, na canção *Pedrada*.

tradição são alguns dos tons valorativos presentes no contradiscurso de resistência à censura protagonizado pelo MinC, mobilizando o destronamento da tradição pela valorização da heteroglossia pluralista inscrita em um produto-processo cultural desempenhado pela leitura.

Ao final do vídeo, a locutora, com um sorriso que sugere boas-vindas, convoca o próprio autor para explicitar o quinto motivo. Ao projetar-se, corporal e vocalmente, com tons de sobriedade e seriedade, Tenório tece seu discurso por meio de signos ideológicos que acentuam a relevância da literatura para as relações humanas: uma manifestação artístico-cultural que leva a "unir aquilo que parece diferente, que é estrangeiro" para que se "perceba que há muitas coisas em comum". Com isso, o locutor destrona a censura por meio da integração alteritária, mobilizando signos ideológicos como "diferente" e "estrangeiro" em resposta ao caráter reacionário da ideologia dominante, que busca estreitar, de forma centripeta, as possibilidades axiológicas do vir a ser. Referindo-se à importância da literatura "para que a gente se perceba humanos, para que a gente se perceba como pessoas", o locutor reacentua valorativamente a importância do reconhecimento das vozes oprimidas, a consideração dos nossos avessos, a contemplação de horizontes socioideológicos outros (Bakhtin, 2015). Ao dar voz ao autor da obra, o vídeo potencializa a ética democrática da coexistência de diferentes posições, viabilizada pelo "grande encontro" entre linguagens heterodiscursivas no mundo da arte e no mundo da vida.

Considerações finais

Com o objetivo de analisar o modo pelo qual os contradiscursos de resistência, em ambiente digital, respondem às tentativas de censura da obra *O avesso da pele*, investigamos, neste artigo, a produção de sentidos em torno de um vídeo postado pelo Ministério da Cultura no Dia Internacional da Luta pela Eliminação da Discriminação Racial. Para tanto, retomamos, sumariamente, três eixos enunciativos que integram nossa reflexão.

No primeiro eixo, partindo de abordagens sociofilosóficas, apontamos como a centripetação

discursiva dos sistemas políticos totalitários e ditatoriais forjou, ao longo da história, um inimigo político. Nesse contexto, destacamos os gestos discursivos biblioclastas axiologizados pela cosmovisão anti-intelectualista do neofascismo, bem como sua interseccionalidade com o centro de valor bolsonarista, sulcado pela problemática social do racismo no horizonte verbo-axiológico do Brasil contemporâneo.

O segundo eixo foi dedicado aos pressupostos teórico-metodológicos da pesquisa. Foram, assim, contemplados conceitos bakhtinianos e reflexões sobre estudos do discurso digital. Dois caminhos complementares foram delineados para a observação da produção de resistência: (a) o destronamento do discurso discriminatório no interior do signo ideológico, revertendo os polos valorativos a partir da perspectiva do oprimido (Bakhtin, 2010); e (b) a dialogização da linguagem social ofensiva, parodiando e remodelando o contexto axiológico desta em linguagens heterodiscursivas representativas de grupos marginalizados (Bakhtin, 2015).

No terceiro eixo, desenvolvemos a análise, observando que, como o Jano bifronte, o contradiscurso à censura no vídeo do MinC reacentua, ao mesmo tempo, (a) as valorações sociais oficiais que permeiam o "índice de livros proibidos" de cada época, predicando a leitura como um ato político de revisão histórica crítica, bem como (b) a naturalização do silenciamento do ponto de vista oprimido, dando voz, na esfera estética, à singularidade de histórias de vida e de grupos sociais que, no antagonismo antidemocrático, são invisibilizados e objetificados em virtude de violências estruturais.

Alinhado ao pluralismo democrático, o vídeo do MinC destrona o ritual de queima de livros no e pelo convite ao ritual de leitura, entendido como (re)encontro com a diversidade agonística do mundo social, cujas linguagens heterodiscursivas são refletidas e refratadas não só no romance, mas em outros produtos culturais. No balaio de vozes do tecido social que nos enforma, o encontro com a palavra alheia, em sua radical alteridade, transforma o modo de olhar tanto

do locutor quanto do interlocutor, conforme nos ensina o pai do protagonista do livro, assim como a locutora do vídeo, ao conceder um espaço de dizer a Jeferson Tenório. No contradiscurso do MinC, avistamos o movimento dialético-dialógico de conjugar o direito à leitura e a preservação do avesso, ato ético de resistência, que remete à epígrafe deste artigo.

Referências

- AKOTIRENE, C. *Interseccionalidade*. São Paulo: Sueli Carneiro: Jandaia, 2020.
- BAKHTIN, M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais* (1965). 7. ed. Tradução: Yara F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 2010.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso (1952-1953). In: BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: 34, 2016. p. 11-69.
- BAKHTIN, M. *Para uma filosofia do ato responsável* (1920-1922). Tradução: Valdemir Miotello e Carlos A. Faraco. 3. ed. São Carlos: Pedro & João, 2017.
- BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski* (1963). Tradução: Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018.
- BAKHTIN, M. *Teoria do Romance I: a estilística* (1934-1935). Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: 34, 2015.
- BARBOSA, V. F.; DI FANTI, M. G. C. Notas sobre gêneros do discurso em Bakhtin, Volóchinov e Medviédev. In: ROCHA, D. et al. (org.). *Pesquisar com gêneros discursivos: interpelando mídia e política*. Rio de Janeiro: Cartolina, 2020. p. 185-200.
- BENJAMIN, W. Sobre o conceito da História. In: BENJAMIN, W. *O anjo da história*. Tradução: João Barrento. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.
- BUBNOVA, T. *Do corpo à palavra: leituras bakhtinianas*. Tradução: Nathan B. Souza. São Carlos: Pedro & João, 2016.
- CARNEIRO, M. L. T. *Livros proibidos, ideias malditas: o Deops e as minorias silenciadas*. São Paulo: Ateliê, 2002.
- COSTA, J. L.; BARONAS, R. L. Apresentação da edição brasileira. In: PAVEAU, M. A. *Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas*. Organizadores: Julia L. Costa e Roberto L. Baronas. Tradução: Ana C. Vilela-Ardenghi et al. Revisão de Sirio Possenti e Ana R. Motta. Campinas: Pontes, 2021.
- COSTA, M. *A história do Brasil para quem tem pressa*. Rio de Janeiro: Valentina, 2016.
- DIETRICH, A. M. *Nazismo do Oiapoque ao Chui: a distribuição dos grupos nazistas no Brasil dos anos 30*. In: SILVA, G. B.; GONÇALVES, L. P.; PARADA, M. (org.). *Histórias da política autoritária: integralismos, nacional-sindicalismo, nazismo e fascismos*. 2. ed. Porto Alegre: EdIPUCRS, 2016.
- ECO, U. *O fascismo eterno*. Tradução: Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2018.
- FARACO, C. A. *Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola, 2009.
- GOSSN, A. *Fascismo pandêmico: como uma ideologia do ódio viraliza?* Rio de Janeiro: Autografia, 2020.
- KONDER, L. *Introdução ao fascismo*. Rio de Janeiro: Graal, 1977.
- LÉVY, P. *O que é o virtual?* Tradução: Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: 34, 2011.
- LOFF, M. Manuel Loff: historiador português analisa gestão Bolsonaro. Entrevistador: Ricardo Viel. Entrevista concedida à ESBRASIL. 4 ago. 2019. Disponível em: <https://esbrasil.com.br/manuel-loff-entrevista/>. Acesso em: 11 out. 2024.
- MEDVIÉDEV, P. *O método formal nos estudos literários: uma introdução crítica à poética sociológica* (1928). Tradução: Sheila Grillo e Ekaterina Américo. São Paulo: Contexto, 2012.
- MOLL, E.; DI FANTI, G. O encontro de subjetividades no enunciado: apontamentos sobre alteridade e linguagem nos escritos do Círculo de Bakhtin. *Letrônica*, Porto Alegre, v. 13, p. 1-16, 2021. Suplemento. DOI: <https://doi.org/10.15448/1984-4301.2021.s.42540>. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/letronica/article/view/42540>. Acesso em: 18 nov. 2024.
- MOUFFE, C. Democracia, cidadania e a questão do pluralismo. *Política & Sociedade*, Florianópolis, v. 2, n. 3, p. 11-26, out. 2003. DOI: <https://doi.org/10.5007/%25x>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/2015>. Acesso em: 18 nov. 2024.
- MUSSOLINI, B. *Discursi Politici*. Exercido pelo tipógrafo do "Popolo d'Italia". Milão: [s. n.], 1921.
- PASCHOAL, C. S. *A malha valorativo-discursiva da atual extrema direita brasileira: ecos nazifascistas e vestígios da política do "nós" versus "eles"*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021a.
- PASCHOAL, C. S. O chicote do discurso: um olhar bakhtiniano para a institucionalização do racismo no Brasil contemporâneo. *Letrônica*, Porto Alegre, n. 14, 2021b. DOI: <https://doi.org/10.15448/1984-4301.2021.s.42561>. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/letronica/article/view/42561>. Acesso em: 18 nov. 2024.
- PASCHOAL, C. S. O novo tom axiológico da expressão "cidadão de bem": refrações semânticas e indícios de estratificação da sociedade brasileira. *Revista Memento, Três Corações*, v. 11, n. 1, 2020.
- PAULA, L.; DI FANTI, G.; PONZIO, L.; PASCHOAL, C. S. A heterocientificidade dialético-dialógica do Círculo bakhtiniano. *Letrônica*, Porto Alegre, v. 13, n. esp., p. 1-11, 2021. Suplemento. DOI: <https://doi.org/10.15448/1984-4301.2021.s.43015>. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/letronica/article/view/43015>. Acesso em: 18 nov. 2024.

PAVEAU, M. A. *Análise do discurso digital*: dicionário das formas e das práticas. Organizadores: Julia L. Costa e Roberto L. Baronas. Tradução: Ana Carolina Vilela-Ardenghi *et al.* Revisão de Sirio Possenti e Ana R. Motta. Campinas: Pontes, 2021.

PAVEAU, M. A.; COSTA, J. L.; BARONAS, R. L. *Ressignificação em contexto digital*. São Carlos: EdUFSCar, 2021.

PRESIDENTE Jair Bolsonaro falou com exclusividade com o Datena. *Brasil Urgente*, YouTube, 27 maio 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Q8DaRmkkkq8&feature=youtu.be>. Acesso em: 18 nov. 2024.

SCHWARCZ, L. M. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

STANLEY, J. *Como funciona o fascismo*: a política do "nós" e "eles". Tradução: Bruno Alexander. Porto Alegre: L&PM, 2018.

TELLES, H. Corrupção, legitimidade democrática e protestos: o boom da direita na política nacional? In: ROCHA, C.; SOLANO, E. (org.). *As direitas nas redes e nas ruas*: a crise política no Brasil. São Paulo: Expressão Popular, 2019.

TENÓRIO, J. *O avesso da pele*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

VENTURA, Z. *1968*: o ano que não terminou. A aventura de uma geração. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

VOLÓCHINOV, V. *A palavra na vida e a palavra na poesia* (1926): ensaios, artigos, resenhas e poemas. Tradução: Sheila Grillo e Ekaterina Américo. São Paulo: 34, 2019.

VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem*: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem (1929). Tradução: Sheila Grillo e Ekaterina Américo. 3. ed. São Paulo: 34, 2021.

Cristiano Sandim Paschoal

Doutorando em Letras – Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS, Porto Alegre, RS, Brasil). Bolsista CNPq (140238/2021-2).

Glória Di Fanti

Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP, São Paulo, SP, Brasil) e professora titular do Programa de Pós-Graduação em Letras da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS, Porto Alegre, RS, Brasil). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq (PQ-312725/2023-0).

Eduardo Moll

Doutorando em Letras – Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS, Porto Alegre, RS, Brasil). Bolsista CNPq (140686/2022-3).

Endereço para contato

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Escola de Humanidades – Programa de Pós-Graduação em Letras

Av. Ipiranga, 6681, Prédio 8

Partenon, 90619-900

Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados por Araceli Pimentel Godinho e submetidos para validação dos autores antes da publicação.